



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

LUZIENE LAGO DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES DO BAIRRO ALTO
BONITO: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA**

Tocantinópolis/TO

2019

LUZIENE LAGO DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES DO BAIRRO ALTO
BONITO: NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA**

TCC apresentado à UFT - Universidade Federal do Tocantins, *Campus* Universitário de Tocantinópolis, para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais, sob a orientação do Profa. Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Tocantinópolis/TO

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586r Silva, Luziene Lago da.

Representações sociais das mulheres no Bairro Alto Bonito: Narrativas de histórias de vida. / Luziene Lago da Silva. – Tocantinópolis, TO, 2019.

51 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2019.

Orientadora : Rejane Cleide Medeiros de Almeida

1. Mulheres. 2. Representações sociais. 3. Papéis sociais. 4. Histórias de vida. I. Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

LUZIENE LAGO DA SILVA

TCC apresentado ao Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins como requisito para o título de licenciatura em Ciências Sociais

Data de Aprovação: 05/07/2019

Banca Examinadora

Rejane Cleide Medeiros de Almeida

Profa. Dr^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida/ UFT, Tocantinópolis, Orientadora

Gilvânia Ferreira da Silva

Profa. Ms. Gilvânia Ferreira da Silva/ UFMA- Avaliadora

Gracieda dos Santos Araújo

Profa. Ms. Gracieda dos Santos Araújo/UFT/ Tocantinópolis- Avaliadora

Tocantinópolis
2019

DEDICATÓRIA

É com imensa satisfação que dedico essa formação acadêmica principalmente aos meus pais, Francisco Félix da Silva e Euzita Lago da Silva, pelos ensinamentos, esforços e determinação, e por me aconselhar e acreditar que eu poderia ir além, se hoje eu conseguir chegar onde cheguei, os principais responsáveis foram meus pais, hoje só tenho a agradecer, independentemente do que eu tenha passado, situações difíceis etc. Eles sempre estiveram ao meu lado mostrando que tudo é possível quando se crer em um Deus que realiza o impossível em nossas vidas. Dedico a minha formação acadêmica também aos meus irmãos, pessoas muito importantes na minha vida, Mariene Lago da Silva, Cleudilene Lago da Silva, Euzilene Lago da Silva, Milena Lago da Silva, Francirene Lago da Silva, Antônio Marcos Lago da Silva, ao meu primo que considero como um irmão, Lucas Félix de Almeida, e a minha avó Onezinda Maria de Jesus, agradeço a todos pela força que me deram nos momentos em que pensei em desistir do curso, quando eu acreditava que não valeria a pena concluir o curso. Obrigado por se importarem comigo, por contribuírem experiências, conversas, conselhos, etc. Uma das pessoas que eu não poderia esquecer de mencionar, dedico em especial essa nova fase da minha vida ao meu companheiro, meu esposo, Osmael Lima de Sousa, uma das pessoas que me acompanhou durante toda a minha caminhada, sempre esteve ao meu lado quando eu precisava de um ombro amigo, nos momentos em que pensava em desistir do curso, sempre me ajudou em tudo, fazia de tudo para me ajudar, sempre me incentivava a concluir o curso. Agradeço imensamente a todos que contribuíram para que a minha caminhada se concretizasse.

Meus sinceros Agradecimentos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de acordar todos os dias e vivenciar cada amanhecer. Agradeço a Deus pela coragem, determinação, pelos fracassos, pois são eles, os responsáveis pelas minhas conquistas, porque a cada fracasso, sempre acreditei que seria capaz de melhorar, de lutar mais e mais. Pois quando se tem um objetivo na vida, devemos lutar até o fim, essa é uma das primeiras vitórias da minha vida. Aprendi a ser independente, a fazer tudo que precisava, a lutar pelos meus objetivos e vencer meus medos. O PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, e grupos de estudos que participei, com os professores/as, Aline, Karina, Rafael Noletto, trouxeram muitas contribuições, muito aprendizado para minha formação acadêmica e também pessoal. Agradeço imensamente a todos que me proporcionaram esses conhecimentos.

Obrigado aos meus amigos, que conheci nesse período de faculdade e antes de ingressar na faculdade também, foram momentos muito bons, onde compartilhei experiências, brinquei, me divertir nas festas da faculdade, nos jogos esportivos e nas competições. Só tenho a agradecer aos meus amigos pela amizade e ajuda quando eu necessitava, e pela paciência, meu muito obrigada a: Ediléia, Vandeildes, Marilene, Roseane, Juliana, Sônia, Marcos Antônio, Leidinalva, Elizângela, Cícera Poliana, Luciano, Laylson, Éven, Valdicléia, Ediglésia, Carina, Maurício, Hemerson, Abreu, etc. Obrigada também ao Marcélio, que sempre me ajudou quando eu possuía dúvidas, tanto de eventos, quanto de questões relacionadas a UFT. Obrigada, aos meus professores, principalmente a Professora Rejane que se dispôs a me orientar, por me incentivar e me apoiar, por acreditar na minha capacidade de concluir essa nova fase da minha vida. Ao professor João Batista pelos puxões de orelha, pelos conselhos, de certa forma contribuiu bastante para que eu amadurecesse. Gostaria de agradecer também as cinco mulheres entrevistadas do Bairro Alto Bonito, por contribuir com a pesquisa. Desenvolver esse trabalho foi maravilhoso, pois trata de questões tão importantes. Meu muito obrigada a cada pessoa que contribuiu de alguma forma para que esse trabalho se concretizasse

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo refletir sobre as representações sociais das mulheres do bairro Alto Bonito e as narrativas de Histórias de vida desenvolvidas nesse território. Buscando compreender como se deu esse processo de luta em prol de sua emancipação como mulher trabalhadora. Porém, como se sabe, e como já vem sendo discutido em outros momentos, sabemos que historicamente as mulheres sempre foram alvos de preconceito. Suas narrativas sobre histórias de vida, de luta e resistências possibilita conhecer como ocorre as representações sociais sobre esse grupo social. A metodologia utilizada foi: entrevistas semiestruturadas com Histórias de vida, elaboração de mapa social realizado pelas mulheres do Bairro Alto Bonito, que respectivamente participaram das entrevistas. O resultado apontou que as mulheres do Bairro Alto Bonito criam seus filhos/as, sofrem violência de várias formas, não concluíram seus estudos por ter que cuidar da casa, dos maridos e, especialmente dos seus filhos. Mas, sobretudo, são mulheres que lutam e resistem cotidianamente para se emancipar.

Palavras- chave: Mulheres. Representações sociais. Papéis sociais. Histórias de vida.

ABSTRACT

This paper aims to reflect on the social representations of women in the Alto Bonito neighborhood and the narratives of resistance developed in that territory. Seeking to understand how this process of struggle for her emancipation as a working woman. However, as we know, and as has already been discussed at other times, we know that historically women have always been targets of prejudice. His narratives about life stories, struggles and resistances make it possible to know how the social representations of this social group occur. The methodology used was: semi-structured interviews with Life Stories, elaboration of a social map by the women of Bairro Alto Bonito, who respectively participated in the interviews. The result pointed out that the women of Bairro Alto Bonito raise their children, suffer violence in various ways, did not finish their studies because they have to take care of the house, the husbands and especially of their children. But above all, they are women who struggle and resist daily to emancipate themselves.

Keywords: Women. Social representations. Social roles. Life stories.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|---|----|
| Fotografia 1 - Bairro Alto Bonito..... | 41 |
| Fotografia 2 - Elaboração do mapa do Bairro Alto Bonito..... | 43 |
| Fotografia 3 - Mapa do Bairro Alto Bonito..... | 44 |
| Fotografia 4 - Mapa feito pelas mulheres do Bairro Alto Bonito..... | 45 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 1. TRAJETÓRIAS DE OCUPAÇÃO DO BAIRRO ALTO BONITO: MEMÓRIAS DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO..... | 14 |
| 1.1 Caracterização do território: pressupostos..... | 14 |
| 1.2 Representação Territorial: Bairro Alto Bonito..... | 15 |
| 2. MULHERES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: HISTÓRIAS DE VIDA..... | 19 |
| 2.1 Representações sociais: pressupostos..... | 19 |
| 2.2 Mulheres e resistências cotidianas..... | 22 |
| 2.3 Histórias de vida das mulheres do território Alto Bonito..... | 25 |
| 2.4 Mulher em situação de Violência: histórias de violações de direitos..... | 32 |
| 3. MULHERES, NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIAS..... | 37 |
| 3.1 Mulheres e múltiplos papéis sociais: o trabalho como instrumento de luta e sobrevivência..... | 37 |
| 3.2 Nova cartografia social e representações socioespaciais: construção social na perspectiva das mulheres do Bairro Alto Bonito..... | 40 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 47 |
| REFERÊNCIAS..... | 49 |
| APÊNDICE A..... | 51 |

*Eu amo tudo o que foi
Tudo o que já não é
A dor que já não me dói
A antiga e errônea fé
O ontem que a dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje já é outro dia.*

(Fernando Pessoa)

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade as mulheres sofrem com o processo de preconceito, não possuía voz, deveriam aceitar o que seria posto e não podia expressar suas opiniões, não possuíam; direito ao voto, ao estudo, trabalho, etc. Com as lutas das mulheres em busca de seus direitos surgiu o feminismo, desenvolvendo o seu potencial. A partir das lutas das reivindicações, acreditavam que não estavam sozinhas, e que a organização seria a força. As mesmas acreditavam que conseguiriam ir longe e conseguir alcançar seus objetivos.

A partir desse pressuposto foram surgindo várias revoluções, as mulheres começaram a trabalhar, a estudar e ocupar espaços políticos. As mulheres começaram perceber que eram capazes de educar seus filhos sozinhas, e que não eram obrigadas a aguentar humilhações, pois já possuíam voz ativa, a partir de então, muitas mulheres conseguiram se tornar protagonistas de sua própria história.

A escolha do tema se deu pelo fato de ser mulher, moradora do bairro Alto Bonito e conhecer a realidade de luta das mulheres nesse território, que criam seus/suas filhos/as sozinhas, trabalham para sustentá-las/los. Sofrem violências e preconceitos em função desses papéis sociais que cumprem sozinhas.

Escolhi desenvolver esse projeto na cidade de Tocantinópolis, justamente por ser uma localidade onde é possível perceber que muitas mulheres passam por situações semelhantes das que estão sendo postas em debates em diversas esferas, coletivos de mulheres, entre outros. Como objetivo Geral, buscamos identificar as representações sociais das mulheres do bairro alto Bonito e os papéis sociais que desenvolvem nesse território.

Os objetivos específicos buscaram, analisar as histórias de vida das mulheres do Bairro Alto Bonito e suas trajetórias de luta, verificar se sofrem preconceitos e violência em função de serem mulheres sozinhas que criam seus filhos/as e geram rendas para sustento da família, identificar os papéis sociais desenvolvidos pelas mulheres e analisar as representações sociais das mulheres do bairro Alto Bonito. A pesquisa foi desenvolvida no bairro Alto Bonito na cidade de Tocantinópolis, região Norte do Tocantins, cujo tema “Representações sociais das mulheres do Bairro Alto Bonito, narrativas de resistências”, com entrevistas semiestruturadas sobre histórias de vida realizadas com 05 mulheres de diferentes faixas etárias, entre, 21 a 55 anos, sobre suas histórias de vida. Como técnicas de história oral desenvolvemos, entrevistas semiestruturadas, desenho de mapa social do

território onde as mulheres vivem e, sobretudo, observações da elaboração do mapa. O primeiro capítulo versa sobre a trajetória de ocupação do bairro Alto Bonito, apresenta os conceitos de território para justificar nosso caminho teórico metodológico.

O segundo capítulo tem por objetivo abordar os processos de representação social, enfatizando as questões das mulheres, tratando das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no seu cotidiano e como resistem aos processos de violência sofridos. As entrevistadas relatam suas histórias de vida e narrativas desde os sofrimentos até as formas que buscam para sair desses processos.

E, finalmente o terceiro capítulo abordará sobre a realidade das mulheres, enfatizando seu modo de vida, como elas são vistas dentro da sociedade, como elas se organizam para lutar pelos seus direitos, o que elas fazem para enfrentar seus maiores medos, quais suas trajetórias, dificuldades já enfrentadas por morar sozinha com os filhos, questões de violência dentro e fora de casa, como elas encaram essa triste realidade. Será abordada também questões salariais, menores chances para mercado de trabalho.

A pesquisa apontou para as dificuldades que as mulheres atravessam no cotidiano, seus medos, angústias, violências, mas também de superação e luta por igualdades sociais, econômicas, políticas e culturais. A pesquisa potencializa e visibiliza a luta e resistências cotidianas de mulheres em busca de seus direitos. Em especial, tem como objetivo apresentar o resultado da pesquisa às mulheres do Alto Bonito e, serve como documento na qual outras mulheres possam ter acesso e conhecer a história de cada uma das entrevistadas, portanto, levar conhecer as representações sociais das mulheres como inspiração para sua vida, para outras gerações.

1 TRAJETÓRIAS DE OCUPAÇÃO DO BAIRRO ALTO BONITO: MEMÓRIAS DE OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O objetivo deste capítulo é apresentar como aconteceu o processo de construção do bairro Alto Bonito, identificar as contribuições das representações políticas no desenvolvimento e crescimento do bairro e, principalmente verificar quais as dificuldades que os moradores tiveram que enfrentar no decorrer do crescimento do bairro. Ressaltando que a maioria das famílias residentes no Bairro Alto Bonito, vieram de outras localidades, em busca novas oportunidades, novas perspectivas de vida, e ao se deparar com a realidade atual da época, aprenderam a conviver com as dificuldades encontradas no local, que não era nada fácil; Com o passar do tempo as dificuldades foram trazendo lutas e resistências, e embora ainda haja muitas dificuldades nos dias atuais, dessas famílias, acreditam na melhoria, e explicitam que atualmente muitas coisas melhoraram em relação as dificuldades enfrentadas.

1.1 Caracterização do território: pressupostos

O conceito de território tem ligações com o espaço geográfico, porém, o território é o principal elemento a ser destacado durante uma pesquisa, porque é através dele que se conhece a realidade do espaço, onde as pessoas a serem pesquisadas estão inseridas. Nesse sentido, cabe destacar que é a partir da realidade existente no espaço que é possível distinguir as verdadeiras questões que devem ser abordadas dentro de uma pesquisa. Em meio as circunstâncias, surgem novas possibilidades de pesquisa e compreensão; diante deste, é importante destacar que o território é composto por diversos fatores, que estão conectados diretamente com diversos grupos que fazem parte de uma mesma realidade social, mas que não defendem as mesmas causas.

Território “é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades. (FERNANDES, 2008, p. 14 apud PORTO GONÇALVES, 2006).

O território faz parte do pressuposto de que carrega consigo uma relação social de poder, tanto por parte de entes políticos que estão a frente dos territórios, quanto pelos próprios ocupantes de territórios que lutam por um bem comum, e que estão dispostos a

enfrentar o que for preciso para conseguirem sua moradia e alcançar seus objetivos, porque a maior parte de ocupantes não estão nessas lutas por acaso, lutam porque realmente necessitam, não importa o que aconteça, sempre vão à luta.

Ao analisarmos o espaço não podemos separar os sistemas, os objetos e as ações, que se completam no movimento da vida, em que as relações sociais produzem os espaços e os espaços produzem as relações sociais. Desde esse ponto de vista, o ponto de partida contém o ponto de chegada e vice-versa, porque o espaço e as relações sociais estão em pleno movimento no tempo, construindo a história. Este movimento ininterrupto é o processo de produção do espaço e de territórios. (FERNANDES, 2008, p. 3).

Por fim, o espaço é de certa forma o local onde as pessoas se relacionam uma com as outras, é onde nascem as relações de poder, é onde ocorrem as indiferenças, as desigualdades sociais, e tantas outras situações que não são possíveis resolver. E o mais importante, em um território é que surgem novas possibilidades de se relacionar, conhecer novas pessoas, novas relações, novas compreensões. Onde aprendemos a lidar com as dificuldades e a superá-las. Assim, percebe-se a força que tem a partir da relação social, do momento da partilha de um mesmo bem comum e, da luta pelo mesmo objetivo, independentemente das dificuldades; ou seja, é o local que passa a se conhecer completamente, descobrir suas forças, suas capacidades, sua autoestima, passa a ser uma pessoa melhor com voz ativa, sem medo. Pois acredita-se que tudo é possível, todos lutam pelo bem comum, independentemente do que aconteça.

1.2 Representação territorial: Bairro Alto Bonito

O Bairro Alto Bonito está localizado na cidade de Tocantinópolis, Tocantins, é considerado um dos maiores bairros da cidade. 'A denominação 'Alto Bonito', segundo os moradores pioneiros ocorreu em razão do bairro estar situado num terreno elevado e possuir muitas palmeiras, o que de fato, encantou as primeiras pessoas que aqui chegaram'. (SOUSA, 2008, p. 31).

Para Sousa (2008), muitos dos moradores chegaram ao bairro no ano de 1947 e 1950, esses moradores vieram de outros estados, especialmente do Maranhão, Piauí, Ceará dentre outros. Essas pessoas estavam em busca de melhoria de vida, porém, a esperança lhes fortalecia a cada dia. Mas a demanda foi aumentando de acordo com a chegada de novos moradores. Entretanto, o território que ali adentravam não era algo seguro, a qualquer hora poderia ser vendido, e as pessoas seriam obrigadas a desocupar aquele território, mas como já haviam muitos interesses por traz da ocupação, a hora de agir seria

naquele momento, a compra do território e as divisões de cada lote para as famílias que ali chegavam.

Em 1960, Alziro Gomes, que depois se tornaria prefeito da cidade de Tocantinópolis, comprou parte das terras e loteou e, assim que chegavam novas famílias, esses lotes iam sendo doados, afim de atender as necessidades de cada família que lutava por uma realidade melhor, através de lavouras, plantios, etc. As casas eram construídas de palha de babaçu e madeira, e com ajuda de amigos, todas as casas eram construídas. É importante ressaltar que nos dias atuais ainda existem muitas casas construídas com esses materiais, pela falta de condição financeira, desemprego. Mediante as colocações citadas anteriormente, cabe destacar que o Território é um espaço onde o poder prevalece, porém, o poder está vinculado a todas as transformações do espaço, é através de tal representação política que o território passa a ser governado, por entes políticos.

No ano de 1970, houve uma melhoria para os moradores do bairro, como a chegada do saneamento básico, como água, energia elétrica, afim de diminuir as dificuldades daqueles que sofreram muito, principalmente por falta de água encanada, pois tinham que buscar água em outros locais longe de casa. Segundo Costa:

A energia elétrica chegou no bairro em 1983, dois anos antes, em 1981, foram colocados apenas os postes, através da influência do político Valdenor que foi o primeiro vereador do bairro e vice prefeito desta cidade, “nesse tempo teve uma confusão entre Valdenor e os Gomes, porque os postes da cidade eram de madeira e o que veio para nós foi de cimento, mas com muita luta Valdenor juntamente com o povo conseguiu a energia”. Para se chegar a água não foi nada fácil, os próprios moradores foram na SANEATINS para poder ter água encanada, e foram os mesmo que pagaram para escavar toda a rua costa e silva, única rua da época, para colocar a encanação. Foi assim o começo do bairro com muita dificuldade, depois a rua Darcy Marinho sendo a segunda rua do bairro foi colocado água pelos representantes políticos. (COSTA, 2014, p. 28).

O Bairro Alto Bonito é considerado o mais antigo da cidade de Tocantinópolis, segundo a concepção dos moradores mais idosos, que residiam no período da construção e, ainda residem no bairro, até hoje. Diante do exposto é importante destacar que o bairro é composto por escolas, creche, posto de saúde, supermercados, frutarias, açougues, igrejas, bares, sorveteria, Feira Osvaldo Mariano, quadra esportiva, praças, estádio de futebol, salão de festa, madeireira, serralheria, oficinas, CAPS, academia do idoso, cemitério, coleta de lixo e, atualmente a universidade. Pode-se perceber que o bairro teve um crescimento espetacular, onde houve muitas melhorias para toda a população em geral.

Também existem vilas onde tem ligação com o Alto bonito, pois são próximas e pequenas, como a vila Padre Cesare, Vila Palmeira, vila Santa Rita.

O bairro teve um grande crescimento ao longo dos anos, e atualmente está apto a receber turistas de várias localidades, com essa nova universidade no bairro Alto Bonito, com certeza surgem novas oportunidades, cresce o número de cursos em licenciatura, que vai iniciar em breve, e o número de pessoas que desejam fazer novos cursos só tende a crescer. No entanto, o bairro Alto Bonito passa a ser o mais movimentado da cidade por conta da Universidade que faz toda a diferença.

Nesse contexto, a história apresentada será relatada por uma das mulheres, moradora do bairro há mais de 40 anos, ou seja, Dona Expedita esteve no bairro Alto Bonito desde a criação do bairro. Ela conta como foi sua trajetória de luta ao longo dos anos, e após passar por tantos obstáculos, hoje estar aqui, especialmente, para nos contar como tudo aconteceu. Dona Expedita ressalta que não foi nada fácil para essas famílias que chegaram ao bairro com esperanças de um futuro melhor, aprenderam a conviver em um local onde tudo era difícil, sem água, luz, saneamento básico, escola, posto de saúde, etc. A esperança era a única coisa que os fortalecia, e assim levavam a vida, e conseguiram superar os obstáculos e, hoje estão aqui, especialmente para contar como foram suas trajetórias em busca de um futuro melhor.

Expedita Martins de Oliveira, 70 anos, esposa de Valdenor Gomes de Oliveira mãe de 11filhos, moradora do bairro Alto Bonito desde 1961.Valdenor foi um dos principais moradores que ajudou a fundar o bairro Alto Bonito, foi nomeado vereador por três mandatos, e chegou a ser vice prefeito em dois mandatos, foi um dos vereadores mais queridos do bairro, porém, sempre resolvia os problemas, buscando soluções, na esperança de ajudar a mudar a realidade de muitas pessoas, principalmente os menos favorecidos. (OLIVEIRA, 2019).

Segundo algumas informações da moradora do bairro Dona Expedita, o meio de sobrevivência naquela época era muito difícil, todos tinham que trabalhar duro para sustentar a família, principalmente as mulheres que trabalhavam muito, faziam o que podiam para ajudar no sustento da família, além dos trabalhos na roça, tinham por obrigação cuidar da casa e dos filhos, em alguns casos eram humilhadas por seus maridos, pois na época só os maridos eram chefe de família. OLIVEIRA (2019), ressalta que, “todo mundo era sofrido naquela época, mas sempre ajudando o outro, se um não tinha, a gente arruava, trocava alimento, e assim ia vivendo, era muito sofrimento, quebrando coco,

tirando azeite, vendendo azeite nas estradas, Porto Franco, Oleria, e fazendo tijolin pequenininho, as casas naquela época eram construídas com tijolin”.

Como já foi explicitado anteriormente, a vida não era nada fácil, pois para sobreviver tinham que trabalhar muito, trabalho braçal com muito sofrimento. “Naquele tempo não tinha negócio de trator que tem hoje, tudo era no cabo de inchada, hoje não, nós tamo numa coisa boa demais maravilhosa, todo mundo na luta para sobreviver, e a gente vive como pode” (OLIVEIRA, 2019).

Esse contexto traz a história da dona Expedita e de tantas outras mulheres que lutaram para sobreviver naquela época, com muito sofrimento, pois todos tinham que trabalhar para conseguir o sustento da família. A realidade das famílias no Bairro Alto Bonito, como já foi destacada, anteriormente, foi de muito sofrimento, todos tinham que colaborar como podiam, tinha muita união por parte dos moradores, eles ajudavam um ao outro, era um meio de sobrevivência que encontravam entre si, trocavam alimentos por outros, se um não tinha, eles doavam e assim conseguiram se manter e hoje estão aqui, especialmente para nos contar como era a realidade na época que passaram a morar no Bairro Alto Bonito.

2 MULHERES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: HISTÓRIAS DE VIDA

Neste capítulo o objetivo é abordar os processos de representação social, enfatizando as questões das mulheres, tratando de igualdade de direitos, preconceitos, sentimento de pertencimento de um determinado grupo. Buscando compreender como as mulheres desenvolvem suas principais formas de resistências cotidianas e como elas se organizam para tratar as questões que estão contra o que elas almejam como a igualdade de direitos, algo que só conseguem através das lutas e do reconhecimento de seus direitos.

2.1 Representações sociais: pressupostos

As representações sociais são termos utilizados por vários estudiosos para distinguir as representatividades em meio aos movimentos sociais que estão presentes em nossa realidade, são sinônimos de constantes lutas por seus direitos, é um tema bastante discutido, entre diversas áreas do conhecimento. Mediante isto, cabe destacar que as representações sociais são designadas como um conjunto de ideias que são adotadas por qualquer indivíduo, ou grupos de pessoas que lutam pelo mesmo bem comum, lidam com questões relacionadas às mudanças, ou seja, buscam reconhecimento. As mulheres estão em constantes lutas porque acreditam. E acreditar é a fonte essencial para a mudança como explicita Ribeiro (2017).

Parafrazeando o autor e usando uma alegoria, se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam (RIBEIRO, 2017, p. 13).

Diante do exposto, é importante salientar que a representação feminista é uma teoria que se repercutiu bastante diante dos fenômenos que ocorrem dentro da sociedade, e essa fala de Ribeiro (2017) representa união, força, vontade de vencer, pois o fato de querer mudança requer muito esforço e, lutar é a forma mais digna de superar os obstáculos; principalmente por se tratar de uma sociedade capitalista machista, porém, essas lutas são algo que se fez presente e está no nosso meio social é uma luta constante que não é fácil de lidar, e que busca por melhorias, lutam por mudanças, direitos que devem ser reconhecidos.

A representação social seria uma forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização de tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê. A representação social, portanto, não é uma cópia nem um reflexo, uma imagem fotográfica da realidade: é uma tradução, uma versão desta. Ela está em transformação como o objeto que tenta elaborar. (ARRUDA, 2002, p. 134).

Diante desse quadro percebe-se que a representação se trata de uma organização social na qual busca uma nova versão da realidade atual, ou melhor dizendo; quando as mulheres passam a conhecer a verdadeira finalidade do feminismo, elas passam a se sentirem mais fortes, porém acreditam na representatividade que tem, e passam a acreditar que tem com quem contar nas suas novas batalhas. De fato, é o que as mulheres necessitam para acreditar em si próprias, pois desistir sem tentar nem sempre é o melhor a fazer, lutar é sinal de que você acredita, embora não chegue à vitória, mas você aprendeu muito até onde chegou, quem não luta não sabe o que é uma vitória.

Para Arruda (2002), dois termos utilizados na teoria das representações sociais para diferenciar ambos os casos de representações, sendo eles; Universos consensuais que é designado pelo indivíduo, coletividade, todos possuem voz ativa, e está relacionado com as Representações Sociais; Universos Retificados é designado por “Eles”, ou seja, é uma sociedade onde os papéis e classes sociais são diferenciados, onde a voz é desigual, este está relacionado ao campo científico.

Diante desse quadro, pode-se perceber que as representações sociais estão relacionadas com diversos grupos distintos, independentemente, de cor, raça ou cultura. A teoria da representação social está relacionada com as teorias feministas, pois são questões que possuem ligações entre si, que enfrentam as mesmas dificuldades quando se trata de representação social. Mediante isto, cabe destacar que vários autores fazem referência as questões relacionadas as representações sociais, sendo eles, Moscovici, Piaget, Freud, Jodelet, Lévy-Bruhl, etc. (SOUSA; NOVAIS, 2011).

Para Clariza Sousa (et al., 2017), Moscovici, parte do pressuposto de que as Representações Sociais são construídas socialmente, porém, são essenciais para compreender a subjetividade dos indivíduos, pois segundo ele, a subjetividade do sujeito é analisada por diversas maneiras, sendo por meio da classe, gênero e raça. Um exemplo que Moscovici utiliza é de que não existem sujeitos isolados dentro da sociedade, porém todos somos afetados por diferentes aspectos da vida social, de alguma forma fazemos parte de

alguma representação social, porque a partir do momento que somos inseridos dentro da sociedade e partilhamos de algum bem comum, estamos fazendo parte da história da época (SOUSA; NOVAIS, 2017). É importante lembrar que:

A validação pelo outro é um pré-requisito necessário ao desenvolvimento de si mesmo. Mas, o outro pode tomar formas bem diferentes indo da influência societal e cultural à influência interpessoal passando pela influência grupal. Os psicólogos sociais têm, por isso, abordado o papel do outro estudando o papel da cultura, dos grupos de pertença, as relações psicossociais nas quais o outro nos reenvia uma imagem de nós mesmos que nos serve de alvo de comparação. (SOUSA; NOVAIS, 2017, p. 27).

Diante deste, cabe enfatizar que uma das categorias que nos permite uma compreensão sobre subjetividade, está descrita na representação social. De acordo com o que já foi citado anteriormente, cabe lembrar que Moscovici, foi um importante psicólogo que inaugurou a teoria da representação social, a fim de explicar e compreender a realidade social, porém, assim como Moscovici, muitos estudiosos também buscaram explicações em relação as representações sociais da época, dentre eles estão, Duveen, Piaget e Vygotsky.

Acima, de tudo, Moscovici (2003) e Duveen (1997), em diversos trabalhos, estudaram, simultaneamente, as relações da TRS com Piaget e com Vygotsky. Isto explica, talvez, por que as interpretações de ambos os autores sobre a vida social, nos termos de suas teorias do desenvolvimento, chegaram a constituir uma mediação em direção à teoria atual da RS. (CASTORINA, 2011, p. 38).

Nesse sentido, são abordadas várias questões em relação as teorias representacionais, na qual cita diversos autores, que de certa forma contribuíram para a expansão dessas teorias que se fazem presente no nosso meio social.

De fato, é importante fazer questionamentos a respeito das representações sociais e da concepção de cada autor, pois só enriquece as teorias das representações sociais e as representações coletivas que é um tema bastante discutido, e que está em busca de um papel social dentro da sociedade. Quando se trata das representações sociais ou das representações coletivas, o autor hesita em lembrar dos estudiosos que tiveram participação e contribuição na criação da teoria das representações sociais.

Vários autores estudam a teoria das representações sociais, por um simples motivo, por possuírem diferenças, mas também semelhanças, quando se referem às teorias das representações sociais que é o foco central da discussão. Todos os autores são alvos de críticas a partir do momento que decidem elaborar uma teoria diante dos conceitos que

passam a defender. As críticas partem principalmente quando se defende algo, ou, se vincula a alguém que possuem características semelhantes.

Por fim, é interessante destacar que o auto reconhecimento é também algo muito importante quando se trata das representações sociais, pelo fato de se colocar à disposição de grupos que clamam por igualdade de direitos; que lutam pela liberdade enquanto cidadãos de bem que possuem diferenças, mas também semelhanças, e mais, estão em busca de democracia. As representações sociais são sinônimo de diversas discussões, no entanto é o que desperta interesses aos estudiosos, assim possibilitando novas discussões acerca do assunto.

2.2 Mulheres e resistências cotidianas

Em meio a tantos desafios a mulher sempre está em constantes lutas, mesmo diante de situações difíceis de lidar, fracassos por não conseguir o que se buscava, a mulher não desiste. Trabalha, cria seus filhos sozinhas, realmente é uma batalha que requer muito esforço e resistência, pois não é fácil conviver com pessoas ao seu redor lhe criticando, te julgando. Lembrando que historicamente tudo sempre foi difícil, as mulheres trabalhavam, eram inferiorizadas, não recebiam os mesmos salários que os homens, e o desemprego sempre era destinados a elas. De acordo com Galeazzi, cabe destacar que:

Esses níveis inferiores de renda estão diretamente relacionados com as desigualdades que caracterizam a vivência das mulheres em todos os foros sociais — e que ainda persistem — claramente expressas nas discriminações sofridas no mercado de trabalho: segregação ocupacional, rendimentos inferiores, maior risco de desemprego, por exemplo. Quando o trabalho das mulheres se torna a única fonte de sustento para a família, essas discriminações assumem sua devida proporção e passam a afetar a vida de todo o grupo familiar. (GALEAZZI, 2011, p. 63).

Na pesquisa foram entrevistadas mulheres, que contarão sua realidade apresentando muitos pontos em comum, são questões difíceis, porque as mulheres têm medo do que seu companheiro possa fazer, caso ela comente com alguém de tal fato ocorrido, seja de brigas, ameaças, espancamento, etc. São fatos que são encubados, e a mulher tende a sofrer por muito tempo. Inclusive com as acusações da própria sociedade de que:

Apanha porque quer, porque já acostumou”, não é simplesmente isso o que acontece, as pessoas falam, mais não sabem o que tem por traz de cada caso, algumas já chegaram a me falar, sem ser em momento de entrevista mesmo, Não

adianta pedir medida protetiva porque quando vão verificar o caso a mulher já morreu, viu lá o caso de fulana o que foi que deu? Ela morreu e ele? Só foi preso e mais nada, daqui uns dias ele é solto, e pronto, nenhuma punição. (ENTREVISTADA, 2019).

As nossas interlocutoras, mulheres do bairro Alto Bonito, chegam a falar que se o marido as agrides, não adianta denunciar porque ele fica frustrado e acaba matando-a pois, a maioria delas, são de famílias humildes não tem para onde ir, ficar na mesma cidade não é confiável. Realmente é uma triste realidade, e não tem como não concordar com elas. São relatos que são apresentados pela mídia todos os dias, o feminicídio¹ cresceu muito nesses últimos anos, o medo faz com que essas mulheres guardem para si, esses fatos que ocorrem dentro de casa, por muitos e muitos anos.

Os cenários onde ocorrem os feminicídios ajudam a compreender os seus determinantes, alguns conhecidos de longa data, outros emergentes na atualidade. Os mais conhecidos e estudados são os cenários familiares e domésticos, já que a família em sociedades patriarcais confere todo o poder ao homem, e nas relações entre parceiros íntimos as mulheres são consideradas propriedade dos maridos, companheiros, namorados e ex-companheiros. (MENEGHEL; PORTELLA, 2017, p. 3080).

A entrevista será mediada por duas mulheres que viveram na esperança de um futuro melhor, que sofreram por diversos fatores quando se trata de um relacionamento conturbado, tais fatos serão explicitados ao decorrer da entrevista; essas mulheres estarão expondo sua realidade e seu ponto de vista acerca dos acontecimentos que ocorre todos os dias no mundo em que vivemos.

Tenho 21 anos de idade, concluir o ensino médio, e logo após engravidei e casei apenas quando descobrir a gravidez, pois não tinha planos de casar assim tão rápido; com isso fiquei desmotivada e não corri atrás para conseguir uma faculdade etc. Atualmente moro com minha avó. No momento não estou trabalhando, faço apenas diárias quando sou chamada, no momento trabalho só em casa, então cuido da limpeza e comida, e quando posso, ajudo nas despesas.

¹ O conceito de femicídio foi utilizado pela primeira vez por Diana Russel em 1976, perante o Tribunal Internacional Sobre Crimes Contra as Mulheres, realizado em Bruxelas, para caracterizar o assassinato de mulheres pelo fato de serem mulheres¹⁷, definindo-o como uma forma de terrorismo sexual ou genocídio de mulheres. O conceito descreve o assassinato de mulheres por homens motivados pelo ódio, desprezo, prazer ou sentimento de propriedade. Russel ancora-se na perspectiva da desigualdade de poder entre homens e mulheres, que confere aos primeiros o senso de entitlement – a crença de que lhes é assegurado o direito de dominação nas relações com as mulheres tanto no âmbito da intimidade quanto na vida pública social – que, por sua vez, de abuso institucional, a tendência de associar o femicídio à violência cometida por parceiro íntimo permanece forte na análise de Russel e Caputti e segue no imaginário coletivo e mesmo nas produções científicas da atualidade. Desta maneira o femicídio cometido por um familiar, amigo ou conhecido do sexo masculino, ou a situação do casal heterossexual, é a que apresenta o maior risco de morte para as mulheres. (MENEGHEL; PORTELLA, 2017, p. 3079-3080).

Passei em torno de 5 anos casada com o pai do meu filho. Confesso que já sofri violência física, psicológica etc. A gente brigava por que eu não ia deixar ele me bater e eu não fazer nada, então a gente se esmurrava, mas apesar de conhecer a Lei Maria da penha nunca quis denunciar, por que sempre foi assim, termina e volta, já foram muitas vezes, meus parentes falam que já estão cansados dessa frescura, mas dessa última vez, creio que foi para valer, não tem volta, ainda bem que só tive um filho com ele, se não eu estava lascada (risos). E mais a separação não está sendo fácil, por que ele fala que ainda gosta muito de mim, mas para mim não dá mais, já foram várias tentativas, já deu o que tinha que dar, não quero viver infeliz. As coisas não está nada fácil para mim, por que emprego tá difícil, mas estou conseguindo lidar com a situação embora a ajuda que eu recebo do pai do meu filho é muito pouco, e é somente quando ele quer dar, mas não consigo perceber muita diferença, por que sempre tive que me virar para conseguir o que queria. Eu sempre morei aqui em Tocantinópolis, fui nascida e criada nesse bairro, minha maior dificuldade é essa, falta de emprego, mais graças a Deus minha mãe e minha avó sempre me ajudaram. (Entrevistada 1, 2019).

A Entrevistada 2 (2019), expõe uma fala bem interessante quando ela diz que:

Assim, uma das coisas que a gente precisa desconstruir é essa questão de mãe solteira, a gente é mãe, não precisa ser rotulada, as pessoas criticam, a família as vezes também criticam, e nesse sentido eles veem como algo que não é certo. O que seria certo para eles, é que a mulher deve casar e ter filhos, e quando o pai não é presente ainda têm mais essas rotulações que eles fazem, a mãe solteira não tem o pai dos filhos perto, a sociedade é muito cruel às vezes, no sentido de que tem que ser padronizado, e quando a gente foge do padrão a gente é criticada e julgada, então o fato de nunca ter trabalhado de carteira assinada, me dificulta muito, por que se eu já tivesse trabalhado de carteira assinada, seria mais fácil o auxílio maternidade, como como não sou contribuinte, tem isso, a gente ser mãe sozinha é bem complicado mesmo, não é fácil, quem tiver dizendo que é fácil está mentindo, tem todo um viés por traz disso. O que acontece é isso, ficar se frustrando por que a gente cria uma expectativa e o que acontece não é bem o que a gente espera”. (Entrevistada 2, 2019).

Diante do exposto, é importante destacar que as duas entrevistadas possuem realidades semelhantes, pois nenhuma mora sozinha com os filhos, sempre tiveram e ainda têm ajuda dos familiares, que é um elemento importante. Destacam que o apoio da família faz com que a vítima se torne uma pessoa mais forte através dos obstáculos que surgem a todo momento, quando a sociedade se revolta contra aqueles que decidem seguir outro padrão diferente, a pessoa começa a se sentir inferior, sem liberdade etc. por isso a importância de compartilhar os momentos bons e ruins com seus familiares e amigos. O mais importante nessas duas entrevistadas foi o modo como aprenderam a lidar com a situação, e a superar os obstáculos, atualmente se sentem pessoas importantes, aprenderam a se valorizar a cada dia, e acreditar que as críticas são apenas, pequenos empecilhos que não lhe afetam, pois andar de cabeça erguida foi o que aprenderam no momento das

dificuldades. Ao decorrer da pesquisa será abordada, algumas situações presentes no nosso dia a dia que as vezes passam despercebidos.

2.3 Histórias de vida das mulheres do território Alto Bonito

Todas as histórias que serão apresentadas por essas mulheres trazem muitas semelhanças, pois viveram em um mesmo contexto social, na qual mostra a verdadeira realidade de muitas mulheres que se calam, mediante as violências sofridas dentro da própria casa, não é o caso de todas, mas se formos analisar é o que mais acontece. O mais triste são os feminicídios, que essas mulheres acabam sendo vítimas, por tantos motivos, um dos principais são, a não aceitação do fim do relacionamento, e as vezes a própria traição, na maioria dos casos os homens traem suas companheiras, eles sempre querem ser superiores, e possuir autoridade.

As histórias de vida são, atualmente, utilizadas em diferentes áreas das ciências humanas e da formação, através da adequação de seus princípios epistemológicos e metodológicos a outra lógica da formação do adulto, a partir dos saberes tácitos ou experienciais e da revelação das aprendizagens construídas ao longo da vida como uma meta cognição ou meta reflexão do conhecimento de si. (SOUZA, 2006, p. 25).

Diante desse quadro é possível distinguir a importância de se utilizar as histórias de vida em trabalhos acadêmicos, justamente para mostrar ao mundo que elas apesar de terem sofrido bastante, ainda sim, são capazes de compartilhar suas experiências, até porque fazem parte das suas realidades. Diante disso é importante recontar essas histórias vivenciadas por essas mulheres, que tiveram coragem de enfrentar seus medos, porque acreditaram no seu potencial. Mas como elas mencionam no decorrer do texto, tudo é possível quando se acredita e, especialmente luta e resiste. Segundo SOUZA (2006) é de mera importância destacar que:

A utilização do termo História de vida corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a auto compreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva. (SOUZA, 2006, p.27).

As histórias de vida apresentam dimensões da vida de mulheres e suas representações sociais. E conhecer a história dessas mulheres quando passamos a investigar ou seja, a buscar através das entrevistas, particularmente, conhecemos pessoas que talvez já tenha muitas histórias de vida que não conhecemos, foi o meu caso de conhecer pessoas, que me trouxeram questões que eu desconhecia de sua vida. De fato, são mulheres que decidiram mostrar ao mundo que não importa o tamanho da dificuldade que elas enfrentam. São mulheres que se superaram, e que felizmente conseguiram se afastar de seus companheiros e não se tornar vítimas de feminicídio, que é uma das causas que está sendo discutido na mídia com frequência, realmente é um risco que não se pode confiar. Souza (2006) afirma que:

Na história de vida, diferente do depoimento, quem decide o que deve ou não ser contado é o ator, a partir da narrativa da sua vida, não exercendo papel importante a cronologia dos acontecimentos e sim o percurso vivido pelo mesmo. Ainda que o pesquisador dirija a conversa, de forma sutil, é o informante que determina o 'dizível' da sua história, subjetividade e os percursos da sua vida. (SOUZA, 2006, p. 29).

Diante desse quadro é de fundamental importância mencionar como ocorreu toda a entrevista, o depoimento das mulheres foi muito importante, porque, elas apresentaram suas narrativas, acerca do que foi perguntado. Sobre isso, SOUZA, (2006), destaca que quem direciona a entrevista é o pesquisador, mas quem faz o papel maior é o pesquisado, é ele que decide o que vai falar, se ele não quiser falar o que sabe, o que viveu, se ele não se sentiu seguro, e não quiser falar é direito dele. Nesse sentido, é importante colocar que todas as entrevistas foram gravadas, para que assim obtivesse mais informações possíveis. Lembrando que as entrevistadas não quiseram se identificar, e as identificarei usando nomes fictícios, Vitória, Esperança e Luz.

Entrevistada Vitória

A primeira entrevistada chama-se Vitória, conta uma história de superação, na qual traz um contexto atual de luta por igualdade social, para que outras mulheres passem a conhecer sua realidade e que tudo é possível. Essa mulher veio de uma família muito humilde, sempre trabalhou desde a adolescência, e nunca parou de trabalhar por conta de marido ou filhos.

Casou-se, logo após concluir o ensino médio, com 25 anos de idade, por conta disso não deu continuidade aos estudos, e também pelo fato de não ter conhecimento sobre faculdade gratuita, pois não tinha condições de pagar para fazer um curso. Com o passar do tempo logo engravidou, teve o primeiro filho, após três anos engravidou do segundo filho, pela insistência do marido de querer outro filho, aos 6 meses de grávida descobriu que estava sendo traída.

Nesse caso, o esposo não tinha preocupações com o bem estar e alimentação da esposa, só queria saber de farras, sem medir esforços, a esposa decidiu separa-se, e foi aí que percebeu que o ex-marido não tinha nenhuma consideração por ela. Segundo ela, o pai das crianças, ajudava mal com a despesa de casa, e se ela quisesse algo, tinha que trabalhar para comprar, porque ele mesmo não comprava. Não deixou absolutamente nada para ela, carregou até as panelas, a família se reuniu e acolheu de braços abertos, e ajudou no que foi preciso, como chá de fraldas e tantas outras coisas, e felizmente ainda ajudam. O casamento durou cerca de 5 anos, tiveram dois filhos, sofreu violência psicológica.

Atualmente ela possui 35 anos de idade, e mora em casa cedida temporariamente, é moradora do bairro há 28 anos, trabalha somente em diárias, ainda não conseguiu emprego de carteira assinada, mas está em luta constante buscando melhorias. A entrevistada confirma conhecer a lei Maria da Penha e onde denunciar, mas explicita que não chegou a sofrer violência física, esse era um dos fatores que ainda lhe segurava no casamento, o que lhe machucou mais foi a falta de consideração por parte dele, que não cuidou como deveria, e após separação ela deixa claro, que está mais feliz, pois vive cada momento sem dar satisfação da onde vai ou deixa de ir. Souza (2006), destaca algo fundamental na pesquisa referida a história de vida, onde ele destaca a importância de se fazer uma boa entrevista, pois sem alguns equipamentos, você não conseguirá descrever.

A Entrevistada destaca alguns pontos que marcaram a sua vida, e que a decepcionaram de alguma forma, mas serviram de lição para que ela passasse a conhecer o outro lado da vida, seu potencial, sua força, e principalmente a ser conhecer por inteira. *“Meu ex-marido, só paga a pensão das crianças quando quer, eu até já larguei de mão, os filhos tão crescendo e tão vendo o que tá acontecendo, eles são pequenos mais já sabem de muita coisa, hoje em dia as crianças não são besta não”* (Vitória, 2019).

De fato, são questões difíceis de lidar, segundo, (Vitória, 2019), já foi para justiça, ele sabe do compromisso, mas falta a responsabilidade para cumprir com as obrigações, as

crianças sabem que ele não paga a pensão todos os meses, mas fazer o que fazer, é uma irresponsabilidade, que deve ser refletida pela própria pessoa. (Vitória, 2019), Relata;

Ser pai e mãe foi uma batalha muito difícil, mas com a ajuda de parentes tudo é possível, percebi que pelo fato de ser sozinha me tornei uma pessoa livre, e tudo ficou diferente, embora tenha surgido muitas dificuldades, não sentir muita diferença, por que sempre trabalhei e comprei o que precisava, já enfrentei muitas dificuldades por morar sozinha, mais minha mãe foi a pessoa que sempre me apoiou e me ajudou, sempre que preciso ela não me nega nada, sempre olhou meus filhos quando preciso sair para trabalhar, na verdade minha família me ajuda muito, com ajuda de parentes conseguir me erguer e conseguir comprar muitas coisas, e hoje moro em casa cedida com meus filhos perto da minha família ; Confesso que morar sozinha e ter que trabalhar para criar os filhos sozinha não é fácil, não dou conselho para ninguém largar seus marido, a mulher é que tem que saber até onde ela aguenta, por que já passou do tempo da mulher ser humilhada por seus marido, e ficar calada, hoje a mulher não se cala, a mulher para separar tem que ter coragem para trabalhar, não é para qualquer uma não, tem que ter sangue no olho”. (Vitória, 2019).

A segunda entrevistada chama-se Esperança (nome fictício), é moradora do bairro há 20 anos, sua história é muito comovente, teve filho aos 18 anos, casou-se com 23 anos de idade, infelizmente não teve oportunidade de estudar, estudou apenas até 4^a série, após casada voltou a estudar, estudando o que na época chamava supletivo, mas como já tinha filhos tudo ficou mais difícil. Segundo ela, sempre foi muito esforçada na escola, tirava só notas boas, quando iniciou o supletivo já tinha três filhos, essa já era uma dificuldade por que para ela ir para escola tinha que deixar seus filhos com o esposo, ela já deixava tudo pronto. Até o dia que ela chegou da escola e se deparou com seu esposo batendo nas crianças, ela já ficou cismada. (Esperança,2019), Ressalta a tortura que os filhos viviam dentro de casa.

Meus filhos sofria violência quando eu não estava em casa, meu esposo era do tipo torturador, dormia com faca de baixo do travesseiro, me ameaçava, mas eu nunca baixava a cabeça, sempre enfrentava ele, nesse tempo não tinha conhecimento dessa lei Maria da penha e nem onde denunciar; Teve um dia que eu sair para escola e cheguei 22 da noite e encontrei meus três filhos de joelho dentro de casa, e apanhando por que o mais pequeno tinha derramado óleo de cozinha, minha vizinha me contou que as crianças estavam daquele jeito desde de a hora que eu sair para escola, por conta disso sair da escola por que não tinha condição de eu estudar e qualquer hora eu achar meus filhos mortos, por que para mim aquilo não era ensinar, ele queria era matar”. (Esperança, 2019).

Segundo a concepção de Guedes (2014) a maioria das mulheres só pensam nos filhos, e acabam esquecendo de si próprias e do mau relacionamento, que está vivendo, ou seja:

Expõem que quando se há filhos na relação, o caso é bem diferente, submetem-se a conduta ofensiva do cônjuge para que os filhos não cresçam sem pai. Permitindo que os pequenos membros de nossa sociedade estejam expostos à figura de um ser de comportamento agressivo, explosivo e criminoso. (GUEDES, 2014, p. 5).

Como é o caso da Entrevista abaixo:

Com muito sofrimento decidir me separar dele, e ele casou com outra mulher, tanto é que com um ano e sete meses que nós tava separado, ele matou ela e se matou; Assim que eu larguei ele teve gente que disse que eu era doída em largar uma casa boa daquela, ele era cuidadoso mais tinha esse defeito, largar uma casa dessa para ir embora, eu disse, eu não fui feita de tijolo nem de baixo de tijolo, foi debaixo de painha, então eu não vou dar minha vida, trocar minha vida por causa de parede ai fui embora. (Esperança, 2019).

Para Guedes (2014), mesmo contemplando a intensidade que esta realidade vem sendo discutida é necessário cada vez visibilizar a luta das mulheres pelo direito que todas elas despõem de viver sem violência. Que quando gritam por socorro, não é vergonhoso, mas, demonstram dignidade, liberdade e cidadania. Faz com que o Estado cumpra o seu dever de punir o responsável e proteger a vítima (GUEDES, 2014, p. 6). Assim, são as mulheres com as quais fizemos nossa interlocução, que este estudo possa dar visibilidade aos problemas de violência na qual estão submetidas. Diante desse quadro considera-se que assim como Esperança, (2019), conseguiu sair desta e seguir em frente, muitas mulheres também conseguirão, pois a violência é uma das últimas hipóteses que se deve aceitar, embora haja dificuldades, sempre haverá um novo recomeço, assim como o de Esperança, que deixa claro o tamanho das suas dificuldades já enfrentadas.

Eu fui pai e mãe, tive muitas dificuldades, arrumei um emprego pela prefeitura trabalhando num sanatório de doidos de doídas, passei muito tempo trabalhando lá de carteira assinada. Logo após arrumei emprego de zeladora na Transbrasiliana, ai melhorou mais, o que eu achava ruim é por que eu saía seis da manhã e chegava em casa seis da tarde aí eu não dava assistência em casa, mais eles já eram crescidinho, eles mesmo fazia a comida deles; Assim que eu separei do meu marido tive muitas dificuldades por que ele não me ajudava, e ainda ficou com a casa, com o tempo ele abandonou a casa e foi morar com a outra mulher, ai eu fui na polícia aí o delegado fez ele me entregara a chave da casa, ai eu fiquei com a casa; Já passei muitas dificuldades, hoje a gente vive é bem, hoje já tem Cras, assistência social ajuda muita gente. Aquele tempo o idoso não tinha essa regalia, eu mesma eu agradeço muito, por que depois que eu fiz o cartão do idoso, eu tive seis meses em Brasília e não paguei um centavo, para ir para os hospitais fazer exames, só fazia mostrar o cartão. (Esperança, 2019).

A terceira e última Entrevistada chama-se Luz, (Nome Fictício), nascida e criada no Bairro Alto Bonito, uma mulher batalhadora que desde muito cedo, possuía um olhar crítico em relação às situações que ocorria a sua volta dentro da sociedade. Inicialmente é importante destacar que Luz, casou-se com 24 anos de idade, engravidou no mesmo ano, atualmente tem duas filhas, quanto ao estudo, estudou até o segundo ano do ensino médio, segundo ela a desistência, foi por causa de cansaço psicológico, falta de determinação.

Com o passar dos anos, Luz volta a estudar, mas não consegue concluir o ensino médio, pois já havia casado e tinha filhos, e tudo se tornou mais difícil, continuou sem motivação. Atualmente Luz trabalha de cozinheira na Unidade CAPS, pela prefeitura, o ganho salarial é de um salário mínimo. Mora em casa própria, conseguiu comprar sua casa através de seu trabalho, mesmo ganhando pouco, porém na época ela destaca que trabalhava apenas fazendo bicos, ou seja, lavando e passando roupas para as pessoas.

Batalhei e comprei minha casa, naquele tempo que comprei ainda era barato, considerando hoje, foi muito barato graças a Deus, em 2002, naquela época comprei por 1600,00, dei entrada de 1000.00 e a mulher me deu um prazo de três meses para pagar o restante, foi um negócio muito bom que ela fez para mim. (Luz, 2019).

Diante do exposto é importante destacar que Luz é uma mulher determinada, ela coloca que atualmente não é casada, mas que:

Já tive um companheiro durante quatro anos, e me separei a mais de 23 anos. Ele me ajudava muito pouco, depois que separei, para ele pagar a pensão para minhas filhas tiveram que procurar a justiça, aí ele passou a pagar; Só tive esse marido e a cada dia que passa eu vejo que não dar certo, o que eu vejo acontecer com as mulheres é muito triste, e outra, aqui só tem homem casado, e se é solteiro é por que tem um histórico terrível, ou rapazinho novo, aí para mim não dar para mim e nem tenho dinheiro para sustentar ele. Amante eu não quero por que nem quando eu era nova eu não quis, imagina agora nessa altura da vida, (risos). (Luz, 2019).

Realmente percebe-se que a realidade dessa mulher não foi nada fácil, ao decorrer da entrevista vai surgir mais visivelmente os fatos que já ocorreram em sua vida.

Já sofri violência doméstica com o marido, por isso que o deixei. Ele me xingava muito quando bebia cachaça, esculhambação. Quando o relacionamento começa cheio de brigas e brigas, chega um momento que ele passa para violência física, então chega ao extremo onde passa de murro mesmo, pontapés, aí foi onde eu deixei, na época não conhecia a lei Maria da Penha. (Luz, 2019).

Segundo Luz, (2019), sua maior dificuldade após separar-se do esposo, foi não possuir casa, e ter duas filhas pequenas, sem emprego. Sua sorte, foi que sua mãe vendo sua filha desabrigada, acolheu de braços abertos sua filha e suas netas, onde ajudou em tudo que precisava, até que a situação melhorasse. Após a separação Luz ainda foi criticada pela população.

Teve gente que chegava em mim e dizia que eu não poderia revidar, que eu tinha que ficar calada, fazer de conta que eu era cega, surda, e muda, e que se eu não revidasse ainda estava casada, por que ele fora da bebida era uma boa pessoa; Muito idoso, principalmente vinha com esse papo, que para gente ter marido tem que passar por cima muitas coisas, e eu não concordo com isso não, naquela época eu já não concordava com o que eles falavam. (Luz, 2019).

Pode-se perceber que Luz sempre possuiu um pensamento diferente das pessoas daquela época, talvez por esse motivo, hoje é uma pessoa extremamente segura, defende seu ponto de vista sem medo e luta pelos seus objetivos, sem se preocupar com o que os outros vão pensar. Luz, (2019), deixa claro que:

Aguntei mal esses quatro anos na marra, a criatura era mais nova que eu dois anos, a mente era miúda, ele queria que eu pedisse, deixa eu ir para tal lugar. Para mim isso não existia, eu informava, estou indo para tal lugar você vai? Não, então eu vou, pronto aí a pipoca comia, por que ele não era nem meu pai, nem minha mãe para eu pedir; eu tinha muito isso, se eu queria comprar algo e ele não concordasse eu não estava nem aí, eu fazia por que era uma coisa boa que eu necessitava, então eu decidia. Quando eu saía de casa, quando eu chegava em casa, o cabra tava, quebrando as coisas, pinotando parecendo doido. (Luz, 2019).

Diante da concepção de Luz, as atitudes do esposo foram aumentando, nada de controlar, com isso ela decidiu separar-se dele enquanto ainda tinha tempo, logo após ocorrer a violência doméstica ela não pensou duas vezes, pois já estava pensando em se separar pelas más atitudes do esposo, e com o acontecido não lhe restou dúvidas. (Luz, 2019), explicita que:

O amor nunca acaba ao mesmo tempo, sempre um vai sofrer mais que o outro, mas você não pode obrigar ninguém a morar com você sem querer, mais o amor maior tem que ser o amor próprio, a pessoa separa, deixa a pessoa viver a vida dela, eu mesma já passei por tantas coisas, mas a gente levanta, a vida segue, a gente pode encontrar outra pessoa, ou ficar sozinho mesmo, agora esse negócio de matar por amor, isso não existe não, ninguém mata por amor não, mata por desamor. Digo por mim que depois que eu separei, minha vida melhorou muito, só o fato de não ter ninguém me incomodando, enchendo saco, reclamando, é um sossego, por que faço as coisas do jeito que quero, fico do jeito que gosto, sem ninguém me cobrando horários, em casa é só para relaxar, para mim quando chego em casa é só paz. (Luz, 2019).

Diante do exposto é importante destacar que Luz encontrou uma maneira de ser feliz sem intervenção de esposo, ou seja, é uma escolha que cada ser humano possui, ela escolheu viver em harmonia, aprendeu a se amar primeiramente, antes de amar outra pessoa, é uma mulher que sempre lutou para alcançar seus objetivos, hoje tem histórias para compartilhar e aconselhar seus familiares. Luz, (2019) coloca que aconselharia uma mulher caso ela passasse pela mesma situação que ela no passado.

Eu aconselharia que ela não esperasse o tempo que eu esperei, larga para lá, questão de violência te digo mesmo é deixar ele de mão. Viver a vida, esse negócio de esperar o cidadão mudar, conselho e tudo, ele enrola anos e anos e o camarada não muda, aí você morre, ou infarto, depressiva, só se adoecendo esperando o cidadão mudar e ele não muda. No caso de do meu mesmo, fazia uma besteira, aí dizia é por que eu estava bêbado, chorava, não me deixa, você é o amor da minha vida, não vou mais fazer mais, aí passava um mês e pouco, voltava a fazer, aí foi aumentando, mais a questão da violência física, que já foi no final da relação por que ele não queria aceitar o fim do relacionamento. (Luz, 2019).

No decorrer das entrevistas pude observar e compreender, que desde muito tempo as mulheres vem lutando sem medir esforços, com o objetivo de mudar essa realidade de desigualdade social que maltrata a mulher a cada dia, porém, conviver sozinha, colocar o pão de cada dia dentro de casa, dar conta de tudo sozinha, algumas contando com ajuda de familiares, realmente foi muito difícil, elas contam sua história com muito entusiasmo, por que elas reconhecem que foi através da luta que conseguiram uma vitória, são mulheres vencedoras.

A realidade dessas mulheres não foi nada fácil, elas reconhecem, pois como dizem, criar filhos sozinhas requer muito esforço, muita dedicação e muita coragem de ir à luta todos os dias, faça chuva, faça sol, tem que ser ela. São histórias diferentes, mas muito comoventes, têm muito em comum. As mulheres estão em lutas constantes em busca de seus direitos, se torna protagonista de sua própria história. Todos os dias surge uma nova história a ser contada por uma mulher que está apta a acreditar, e mudar a realidade, elas estão decididas a encarar a realidade do jeito que deve ser encarada, por que direitos devem ser iguais para todas/os.

2.4 Mulher em situação de violência: histórias de violações de direitos

A violência sofrida pelas mulheres ocorre principalmente por se tratar de questões relacionadas ao poder, superioridade, na qual, faz com que as mulheres se tornem inferiores. Anos atrás as mulheres deveriam seguir um padrão destinado pelos homens, porém, as mulheres não possuíam voz ativa, não trabalhavam, eram dependentes para tudo, isso contribuía para essa violência, elas deveriam cuidar do marido, filhos, e da casa, e ainda eram maltratadas por seus companheiros. Tinham que se calar, pois sofriam diferentes tipos de ameaças. De acordo com a sociedade, as mulheres deveriam ser submissas sempre, apenas os homens deveriam decidir tudo.

Aos homens lhe são atribuídos a força, que tem que ser competitivos, não podem chorar, nem levar desaforo para casa, tem que ser o provedor e o superior, ser garanhão, o espaço destinado a eles é o “público”. Ainda há a concepção que eles devem ocupar cargos de chefia, diretores, presidentes e não devem submeter às mulheres em cargos de gestão. Se consideram proprietários, donos do corpo das mulheres. (GUEDES, 2014, p. 6).

Com o passar dos anos, após muitos sofrimentos, humilhações, houve uma revolução, as mulheres começaram a ganhar forças dentro da sociedade, ganhou direito ao voto, direito ao estudo, trabalho etc.; desde então, decidiram ir à luta em conjunto, com manifestações, protestos etc. São lutas em prol de mudanças, no entanto mudar essa realidade não é nada fácil, com a ajuda e compreensão das mulheres que se dispuseram a lutar, gerou confiança para todas, e embarcaram nessa caminhada que só traz bons resultados, e aos poucos conseguirão mudar a realidade, e conseguir a igualdade de direito para todos. A partir do momento que decidiram enfrentar os homens, tudo fez sentido. Atualmente é muito comum as famílias chefiadas por mulheres, donas de seu próprio negócio, enfim conseguiram mostrar que tem valores e que vão além de uma simples dona de casa.

A violência é um dos fatores mais debatidos pela mídia, por se tratar situações que acontecem com frequência dentro da sociedade. É importante lembrar que a violência não escolhe locais para agir, entretanto, está em todos os locais, desde as classes baixas às classes altas; todos os indivíduos estão envolvidos, seja negro, branco, índio, amarelo, e pode ocorrer violência em todas as fases da vida, alguns iniciando desde a infância à velhice, lembrando que há várias formas de violentar uma pessoa.

Pode ocorrer em qualquer âmbito: no trabalho: (desigualdade salarial, assédio sexual) no casamento (agressão física, ameaça, calúnia, estupro) na participação

social (a coisificação da mulher através do corpo pela mídia, o atendimento desumano nos postos de saúde) entre outros. (GUEDES, 2014, p. 8).

Diante disso, cabe enfatizar que a violência ocorre em todos os âmbitos das diversas sociedades. Diante deste, cabe destacar que há diversas formas de violência² que as mulheres são submetidas. Nesse caso, vale mencionar, que todos os dias as mulheres são violentadas dentro e fora de casa, na maioria dos casos por seus próprios companheiros. O feminicídio é uma triste realidade que a maioria das mulheres vem enfrentando. A violência contra a mulher está sendo um dos assuntos mais debatidos na mídia, são tantas questões que podem levar a essas violências, seja por não aceitação do término de namoros ou casamentos, seja pelo fato de a mulher não querer se relacionar com algum homem, seja por ser lésbica, seja pelo fato dos homens se alcoolizarem ou se drogarem e ficarem fora de si, seja pela ignorância de não aceitar que esteja errado, por não aceitar que a mulher tenha suas próprias opiniões e decisões etc. São muitas as alternativas que levam um homem a cometer um ato de violência contra a mulher.

A violência doméstica e familiar seja ela física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral envolve na verdade mais do que tapas, socos, empurrões e ameaças. Muitas vítimas chegam a declarar que vivem em situação de violência não por dependência material, já que são elas que arcam com todas as despesas do lar (Alimentação, saúde, educação, lazer). Expõem que quando se há filhos na relação, o caso é bem diferente, submetem-se a conduta ofensiva do cônjuge para que os filhos não cresçam sem pai. Permitindo que os pequenos membros de nossa sociedade estejam expostos à figura de um ser de comportamento agressivo, explosivo e criminoso. (GUEDES, 2014, p. 5).

² Violência Física, qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal, classificados como espancamento com a mão ou objetos, tentativas de estrangulamento, arremesso de objetos contra a mulher, socos, pontapés entre outros. Podendo chegar a assassinatos. Violência Psicológica Descrita como sendo uma das mais devastadoras consiste em qualquer conduta que lhe cause danos emocionais ou diminuição da autoestima ou desqualifique suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, gritos, imposição de medo, constrangimento, humilhação, isolamento entre outros. Tudo que lhe cause limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e autodeterminação. Violência Sexual Qualquer conduta que a constranja a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou utilizar de qualquer modo de contraceptivo ou force ao matrimônio, a gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule os seus direitos sexuais reprodutivos. Violência Patrimonial Qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos ou instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades. Violência Moral Qualquer ação que configure calúnia, difamação ou injúria. Ocorre quando o agressor ou agressora afirma falsamente que aquela praticou crime que ela não cometeu, difamação, ocorre quando o agressor atribui à mulher fatos que maculem a sua reputação, ou injúria, ocorre quando o agressor ofende a dignidade da mulher. (Exemplos: Dar opinião contra a reputação moral, críticas mentirosas e xingamentos). Esse tipo de violência pode ocorrer também pela internet (GUEDES, Kevyla, 2014, p. 3).

Diante desse quadro, é possível perceber que a violência seja ela física, psicológica, sexual, etc.; qualquer delas faz com que a mulher fique com medo, se torne uma mulher frustrada, triste, sem ânimo, foi o caso de Esperança, que viveu um casamento conturbado, com desconfiança, com medo do que seu esposo poderia fazer com ela e com seus filhos, por conta de suas atitudes, ela percebeu que suas atitudes para com seus filhos já estavam passando dos limites, pois era um homem violento. Cada vez que bebia mostrava o que antes ela não percebia, ou seja, suas ignorâncias, falta de respeito, sem contar que lhe tratava mal quando bebia cachaça, ou seja, quando ele bebia, ele se transformava em outra pessoa, foi o que a levou a ter coragem para separar dele, porque ela acreditava que se ela continuasse com ele, alguma coisa muito ruim teria acontecido. De acordo com Esperança, (2019):

Quando ele bebia e vinha gritando na rua, eu já me preparava, escondia tudo o que era faca, porque a tapa eu não tinha medo, mas quando era com faca ai era diferente, naquele dia parece que Deus me botou na cabeça, esconde as faca, e eu escondi, tanto é que quando ele chegou foi a primeira coisa que ele perguntou, nesse tempo eu estava grávida, ele disse que precisava da faca para cortar a calça, mais não encontrou, sentou em uma cadeira ai eu disse vai te deitar, ai empurrei ele e ele não levantou acabou dormindo, ai eu aprendi como fazer ele dormir, mais ele ficou cismado que quando chegava nem queria mais sentar. (Esperança, 2019).

Como já foi mencionado acima, a realidade de Esperança, não foi nada fácil, porém, conviver com o pai de seus filhos, uma pessoa que você escolheu para dividir os momentos difíceis, dar força um para o outro quando necessário, dividir alegrias, enfim, quando ocorre situações como essas, a pessoa ao invés de ser feliz com o outro, vive infeliz, as vezes tenta conciliar os problemas, tenta viver com o outro de diversas maneiras, mas o outro não muda, até chegar ao ponto em que a pessoa desiste, e decide recomeçar a vida sozinha. Na maioria dos casos, quando as mulheres sofrem violências dentro ou fora de casa, e não denunciam, isso ocorre por diversos fatores, seja por medo de seus companheiros, ameaças, e por depender financeiramente de tudo. Esperança, (2019) coloca que:

Quando eu casei com meu esposo, ele já tinha tido uma outra mulher antes de mim, a primeira mulher dele teve uma barrigada de gêmeos, ele deu uma surra nela que ela perdeu uma das crianças, e na outra barrigada de gêmeos a surra foi tão grande que as crianças e a mulher morreram, ele batia muito, em mim ele não batia porque eu sempre enfrentava ele e dizia, se tu me bater tu morre (Esperança,2019).

Segundo Esperança, (2019), se ela soubesse que tudo isso iria acontecer, ela jamais teria se casado com ele, porque do mesmo jeito que ele fez isso com a outra mulher, ele poderia ter feito com ela também. Sofreu muito temendo que ele mudaria suas atitudes, entretanto, cansada de sofrer, tomou a decisão de separar-se dele.

Pra ver o tanto que o povo são, não me contaram nada sobre esse homem, só quando separei que fui descobrir o que ele já tinha feito, dessa surra da mulher que levou ela a morte, dizem que no hospital quando a mulher estava morrendo, a barriga da mulher ficava mexendo muito era as crianças morrendo, naquele tempo não tinha nada, hoje já tá é bem, porque se naquele tempo tivesse feito parto cesáreo e colocado as crianças na incubadora, elas não tinham morrido só ela”. (Esperança, 2019).

Segundo (Esperança, 2019), esse fato é muito revoltante, e muito triste, algo que poderia ter acontecido pela segunda vez. Entretanto, ela mencionou também outro caso que ocorreu após sua separação, seu ex-marido, casou-se novamente e matou sua esposa, e logo em seguida se matou. Com isso, Esperança ficou em choque só em pensar que poderia ter acontecido com ela, pelo fato de sofrer ameaças durante o seu relacionamento. Apesar das dificuldades já enfrentadas ela acredita que a separação foi a melhor coisa que ela já fez. (Luz, 2019) também foi uma das vítimas de violência doméstica, ela acredita que a separação também foi o melhor, destaca ela:

Teve uma vez que eu levei um morrão da roça no olho que eu quase apago, mesmo com isso eu não me amolecia, virava o trem, eu era brava, mexia nos meus calos, eu não ficava calada não, o que eu tinha pelas mãos eu jogava nele, por que não dava de ficar caladinha escutando ele falar besteira e eu ficar calada, aí o trem rendia. (Luz, 2019).

Assim como Esperança, Luz, muitas mulheres vêm superando seus medos e descobrindo seu potencial, e sua força interior. Muitas não conseguem sair de tristes realidades pelo fato de se acharem inferiores, de achar que não vão conseguir criar seus filhos sozinhas, muitas aguentam humilhações para que seus filhos não fiquem separado de seus pais, e pelo fato de serem dependentes. A partir do momento que as mulheres passam a conhecer seus direitos, a ser independentes, serem autônomas jamais permitem serem julgadas como inferiores. A maior dificuldade mulheres enfrentam é a falta de informação, sobre seus direitos, enquanto cidadã, quando não se sabe do seu direito não tem nada a fazer. Não deixar que a violência se torne algo interruptor de sonhos é o objetivo da luta das mulheres, buscando reconhecimentos e igualdades de direitos.

3 MULHERES, NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DE RESISTÊNCIAS

Objetivo do capítulo é analisar a realidade das mulheres, enfatizando assim, como é seu modo de vida, como elas são vistas dentro da sociedade, como elas se organizam para lutar pelos seus direitos, o que elas fazem para enfrentar seus maiores medos, quais suas trajetórias, dificuldades já enfrentadas por morar sozinha com os filhos, questões violência dentro e fora de casa, como elas encaram essa triste realidade, será abordado também questões de ganho salarial menor que o dos homens, menores chances para mercado de trabalho etc. Diante disto, a pesquisa busca analisar suas principais dificuldades ao conviver em uma sociedade machista.

3.1 Mulheres e múltiplos papéis sociais: o trabalho como instrumento de luta sobrevivência

As mulheres sempre foram alvo de preconceitos, de inferioridade, principalmente quando se trata das famílias tradicionais, onde as esposas deveriam obedecer aos seus esposos, na época, quando os pais tinham uma filha mulher já lhes era repassado que quando casassem, elas deveriam tratar seus maridos como tratavam seus pais, com muito respeito, sem ofendê-los, e deveriam obedecê-los. O que era destinado as esposas era somente cuidar da casa e dos filhos nada a mais, não poderia se intrometer nos negócios da família, somente o homem resolveria. Cansadas dessas situações e dos papéis a elas lhes impostos decidiram mudar esse panorama, e ir a luta, para que assim pudessem escrever sua própria história.

Conduzido por mudanças no padrão cultural, ou simplesmente pela necessidade de obtenção de renda, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho toma a forma de um processo definitivo, acompanhou esse processo um vigoroso e exitoso — se considerada a visibilidade dada à condição das mulheres e o enorme conjunto de direitos que passou a vigorar, pelo menos na letra da Lei4 — movimento de busca de equidade entre homens e mulheres, questionando estereótipos e conceitos, reivindicando novos espaços e direitos. Num período de poucas décadas, as mulheres ultrapassaram os limites do mundo privado em busca do direito ao trabalho remunerado e à cidadania”. (GALEAZZI, 2001, p. 61).

Diante desse quadro é importante lembrar que mulher sempre foi tida como insignificante pelos machistas por muito tempo, com o passar dos anos ela passou a ocupar

um lugar dentro da sociedade, começou a ter direito ao voto, logo após a ter voz ativa, e principalmente competir com os homens, exercendo as mesmas profissões que os homens quando na verdade eles não querem aceitar que a mulher possa ser o que ela quer ser, e tem capacidades para isso. Mas como as coisas só tende a evoluir, as mulheres nunca deixaram de lutar, embora haja preconceitos por parte dos machistas, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino, é uma batalha que deve ser enfrentada com muita garra, pois quem vai para luta vai para decidir seu futuro, independentemente do que possa acontecer (GALEAZZI, 2001), destaca que:

A importância das mulheres no processo produtivo não é um fato novo. No Brasil, por exemplo, sua presença foi marcante nos primórdios da industrialização, especialmente ligada à indústria têxtil no século XIX. O que há a destacar nas últimas décadas do século XX é a intensidade, a diversificação e a aparente irreversibilidade do processo de entrada das mulheres no mercado de trabalho. As taxas de participação feminina expandem-se num processo contínuo, sem alteração diante das diferentes conjunturas econômicas, até o final dos anos 90. (GALEAZZI, 2001, p. 61).

O trabalho das mulheres dentro das indústrias, certamente foi algo muito importante, porém, seu crescimento no mercado de trabalho, foi algo que ainda é motivo de discussão dentro da sociedade, pelo fato de serem mulheres, e por poder exercer as mesmas funções que os homens, pois muitos homens machistas não queriam aceitar a ideia de que a mulher pudesse assumir as mesmas funções e muito menos se tornar independente, apesar de seu ganho salarial ser ainda mais baixo que o dos homens.

É importante salientar que diversos fatores contribuíram para fazer com que a mulher passasse a lutar pelos seus direitos, primeiramente por saber que poderia ser dona de si mesma e agir por conta própria, fazer o que gosta, porque até então, tudo era denominado pelos homens, e elas deveriam ser o que os seus respectivos maridos lhe ordenasse, não poderiam trabalhar, etc. A partir de então surgiram as oportunidades de mudar esse destino, e com tantas lutas não deixaram escapar, até hoje lutam por seus direitos por diversos fatores, independência financeira, desejo de obter uma profissão, uma carreira.

De acordo com (Galeazzi (2001), é importante destacar que nos anos de 1980 e 1990, as mulheres sofrem perdas nos seus empregos, pois as empresas passam por períodos difíceis e o desemprego recai, principalmente sobre a mão de obra feminina, por ser a opção menos útil, a respeito da situação que a empresa se encontra. Em meio a tantos

empecilhos, as mulheres não desistiram; com o passar do tempo se tornaram cada vez mais resistentes, e a partir daí a taxa de participação feminina no mercado de trabalho vem se expandindo cada vez mais.

Ainda assim, a despeito da permanência das desigualdades e das discriminações, a mudança do padrão de participação econômica das mulheres se fez acompanhar de alterações importantes na estruturada família, ampliando as responsabilidades que recaem sobre as mulheres. É um fato observado em diferentes países o aumento do número de famílias chefiadas por mulheres. (GALEAZZI, 2001, p. 62).

A mulher nos dias atuais acaba exercendo um papel fundamental dentro da sociedade, algo que os homens jamais queriam aceitar, mas com tantas revoluções, a mulher consegue se manter dentro da sociedade porque ela é independente, ela acompanha tudo o que está ao seu alcance, mesmo com tantas lutas ainda são alvos de preconceitos. Porém, são tratadas como indiferentes, mas não se dão por vencidas, lutam porque acreditam no seu potencial, pois o seu objetivo é a igualdade de direitos.

Esses níveis inferiores de renda estão diretamente relacionados com as desigualdades que caracterizam a vivência das mulheres em todos os foros sociais — e que ainda persistem — claramente expressas nas discriminações sofridas no mercado de trabalho: segregação ocupacional, rendimentos inferiores, maior risco de desemprego, por exemplo. Quando o trabalho das mulheres se torna a única fonte de sustento para a família, essas discriminações assumem sua devida proporção e passam a afetar a vida de todo o grupo familiar. (GALEAZZI, 2001, p. 63).

De acordo com Galeazzi (2001), os dados empíricos da pesquisa realizada até o ano de 2000, pode-se perceber que desde quando a mulher decidiu se tornar chefe de família, o percentual só vem aumentando, até mais que o do homem como chefe de família, apesar das dificuldades serem maiores, nas situações que os filhos dependem financeiramente da chefe de família. Sem falar que a busca por emprego se torna mais difícil, para as mulheres com chefia de família, Mesmo com muitas dificuldades as mulheres não desistem, principalmente quando seus filhos dependem dela, pois assumiu uma responsabilidade desde o dia que decidiu se tornar chefe de família. Galeazzi (2001) coloca explicitamente que:

Esses poucos indicadores são suficientes para desvendar uma situação desalentadora para as mulheres, que, em ritmo crescente, passam a assumir sozinhas a responsabilidade da manutenção de suas famílias, principalmente

aquelas que têm filhos ainda dependentes. O aumento das responsabilidades assumidas pelas mulheres trabalhadoras com a manutenção do quadro de desigualdades que marca sua posição na sociedade afeta não só as condições de vida e de realização das próprias mulheres como também suas consequências se estendem a um segmento mais amplo de indivíduos, principalmente crianças e jovens que dependem da família para sua constituição como cidadãos. (GALEAZZI, 2001 p. 67).

Quando a mulher decide lutar, ela vai à luta até o fim. Porém, tantos obstáculos alcançados porque não tentar? Já houve tantas dificuldades que temia não vencer, e com muita luta, conseguiram se superar, enfrentar seus medos, e perceber do que são capazes. Não restam dúvidas da força que uma mulher possui. Enfim, lutar é um ato de revolucionar, clamar por mudanças, transformações.

3.2 Nova cartografia social e representações socioespaciais: construção social na perspectiva das mulheres do Bairro Alto Bonito

O estudo das representações sociais do espaço, é um tema importante para as áreas das ciências sociais. É possível distinguir três dimensões que estão presentes nas representações sociais do espaço, dimensão social, dimensão territorial, dimensão subjetiva. São dimensões importantes para levantamento de dados, porém, a partir dessas dimensões que surgem as respostas. Nesse sentido, entendemos por mapas cognitivos ou mentais, representações cartográficas que são feitos por cada indivíduo ou coletivo a partir do espaço que está inserido.

Diante do exposto, é importante destacar como se iniciou, a construção de mapas mentais. Segundo Alba de Martha (2011), Lynch (1969) foi um importante estudioso e primeiro pesquisador a utilizar os mapas mentais e as técnicas de desenhos em virtude de entender como eram as representações sociais na visão dos indivíduos que residiam na sociedade estudada, tanto é, que decidiu trabalhar com esses procedimentos a fim de se obter bons resultados. Para a realização da pesquisa é utilizado um observador treinado para que o mesmo faça desenhos, mapas da cidade de forma sistematizada sendo apenas pontos principais que de certa forma agrega toda sociedade. Esses desenhos são utilizados como base da pesquisa, para que a partir daí surjam novas formas de análise, para que seja feita as comparações entre o que se pesquisa. Downs e Stea (1993) defendem a ideia de que os mapas mentais são essenciais durante as pesquisas, porém, faz com que os

indivíduos vão muito além do que imaginavam sobre o espaço onde residem. Diante disso, cabe enfatizar que:

O mapa mental torna-se assim a base do comportamento espacial e é construído em função das necessidades de adaptação ao espaço e das estratégias de ação do sujeito. Sua função é o principal fator que determina a forma e o conteúdo dos mapas cognitivos. (ALBA MARTA, 2011, p. 119).

A partir do exposto sobre mapas, apresentaremos o mapa elaborado pelas mulheres sobre a representação social das mulheres da cidade de Tocantinópolis, TO, no Bairro Alto Bonito.

Fotografia 1 - Bairro Alto Bonito



Fonte: Arquivo pessoal

Destacamos a importância de se trabalhar com os mapas sociais. A metodologia está sendo bastante utilizada durante as pesquisas, por possuir boa qualidade e por ser muito prazeroso, e os resultados são os melhores. (ALBA DE MARTHA, 2011), deixa claro que:

O conceito de mapas cognitivos tem-se desenvolvido principalmente no marco da psicologia cognitiva, mas resultou em grande interesse para a psicologia ambiental, pelas suas potencialidades de conceituação e de aplicação para o estudo do espaço em diferentes escalas, desde o ambiente familiar do lar até o vasto globo terráqueo. (ALBA DE MARTHA, 2011, p. 110).

De acordo com Alba de Martha (2011), cabe destacar que os estudos desenvolvidos com os mapas cartográficos, obtiveram bons resultados, exemplo desse desempenho foi Lynch (1996), que desenvolveu um estudo, A imagem da cidade; a partir desse e de outros estudos desenvolvidos por outros estudiosos, muitos pesquisadores decidiram adotar essa metodologia de pesquisa utilizando mapas mentais. Com o passar dos anos foi se expandindo pelas diversas áreas do conhecimento, e atualmente é bem utilizado em vários contextos sociais, justamente por trazer informações de modo especial, possibilitando a/ao entrevistada/o durante a pesquisa, repensar suas representações sociais no contexto em que está inserido.

Outro projeto que desenvolve metodologia com o uso dos mapas sociais é o projeto Nova Cartografia social que faz uso de mapas sociais, descritivos, representativos, assim:

A Nova Cartografia Social é entendida enquanto produto de representações sociais, políticas e culturais de um determinado território. São, sobretudo, materiais pedagógicos e investigativos produzidos por sujeitos com informações e representações iconográficas de uma realidade. (ALMEIDA; SOUZA, 2017, p. 289).

Nesse caso os mapas são dinâmicos, circunstanciais, resultados de uma situação do presente. O mapa, longe de ser a realidade é uma representação elaborada no sentido de instruir diferenças em relação aos mapas oficiais, considerados como legítimos e verdadeiros. Os croquis produzidos e os mapas, são mais do que meras informações objetivas das territorialidades dos grupos; são respostas a situações atuais; possibilitam a percepção do contexto, dos planos de organização, dos interlocutores; das diferentes posições que os agentes e os grupos assumem frente a diferentes situações (MEDEIROS 2019, p. 2, apud GAIOSO, 2013, p. 71).

Assim é que a cartografia materializa as subjetividades e as representações simbólicas dos grupos. Nesse caso da pesquisa, o mapa social apresentou os elementos do território (Bairro Alto Bonito) e as diferentes representações sociais que as mulheres apresentam sobre estes. E, sobretudo como ocorre o entrelaçamento entre as representações territoriais e as histórias de vida como elemento que se interfaceiam.

É importante frisar que antes mesmo de ser nomeado mapas mentais, sempre existiu mapas mentais nas antiguidades, porém, era uma forma de expressar seus sentimentos, e principalmente representar sua sociedade da época. Alba (2011), destaca

que um exemplo desses mapas mentais foram as pinturas rupestres, que esteve presente pouco mais de oito mil anos; assim como essa representação de mapas mentais, várias sociedades também valorizam as representações sociais que eram vividas na época, e que eram expressas através de desenhos, mapas, etc. Clementino (2006) destaca que: “[...] a partir da voz dos atores sociais, recuperar a singularidade das histórias narradas por sujeitos históricos, socioculturalmente situados, garantindo o seu papel de construtores da história individual/coletiva intermediada por suas vozes” (CLEMENTINO, 2006, p. 29).

Diante desse quadro cabe assinalar que o estudo com mapas mentais vem sendo uma nova metodologia utilizada por pesquisadores, ou seja, é uma forma de enriquecer as pesquisas desenvolvidas em determinadas sociedades, o que antes tinha sido bastante criticado, hoje está sendo muito aceito pelos pesquisadores, porém, é uma ferramenta de trabalho que traz bastante informações, através de mapas mentais, entrevistas, relatos de experiências etc. É algo que está trazendo belíssimos resultados. Clementino (2006), afirma:

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos vividos pelos sujeitos em diferentes contextos. (CLEMENTINO, 2006, p. 24).

Ressalta-se que Alba (2011) destaca que diversos autores de diferentes áreas do conhecimento estão adotando esse método de estudo, pois já foi comprovado que os mapas mentais enriquecem os trabalhos, foram bem aceito, e os resultados foram os melhores. É interessante ressaltar que através de desenhos, surgem novas descobertas, uma nova visão a partir do momento que os mapas são comparados um com o outro.

Fotografia 2 - Elaboração do mapa do Bairro Alto Bonito



Fonte: Arquivo pessoal

Nota: No início tudo parecia, que não ia rolar, as entrevistadas riam muito quando se falava de desenhos, ah eu não sei desenhar, não vou conseguir, o meu está feio, etc.

Fotografia 3 - Mapa do Bairro Alto Bonito



Fonte: Arquivo pessoal

O mapa acima já está sendo finalizado, com o nome do bairro, todas as entrevistadas que fizeram o mapa, já estavam satisfeitas com o resultado, pois, elas acreditavam que não iam desenvolver um bom trabalho.

Fotografia 4 - Mapa feito pelas mulheres do Bairro Alto Bonito



Fonte: Arquivo pessoal

O resultado da elaboração do mapa foi importante para as mulheres, isso ficou evidenciado quando uma delas destacou que gostou muito da arte que fez, pediu para eu enviar uma foto do seu desenho para ela, realmente ficou bem interessante. A partir desse mapa elas puderam visualizar a dimensão do seu território. O mapa social foi uma experiência incrível, apesar de ser meu primeiro contato com o mapa, me passou pela cabeça que não iria conseguir realizar o mapa, mas deu certo, o resultado foi impressionante. Todas falaram como que vou desenhar algo, eu não sei desenhar, que ficaria feio. Foi aí que explicamos o objetivo do mapa, que não é fazer desenhos bem feitos

até por que, não somos desenhistas, o objetivo é a representação, é você que decide o que vai fazer, não importa a perfeição, mas sim a representação que você faz do seu bairro.

Com isso todas começaram a desenhar, a se criticarem, a achar que o desenho da outra era mais bonito. Eram muitos sorrisos envolvidos. O interessante é que elas se esforçaram bastante, faziam, apagavam, capricharam mesmo, porque elas não queriam fazer de qualquer jeito, elas queriam que saísse algo interessante. Ao pintarem seus desenhos notaram diferenças, começaram a achar bonito, de pensar um simples papel em branco, em uma transformação incrível através da arte dessas mulheres, com tamanha representação social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como intuito trazer o contexto histórico do Bairro Alto Bonito desde sua criação ao seu desenvolvimento. Dando ênfase as histórias de vida das mulheres do Bairro Alto Bonito, enfatizando assim, o cotidiano dessas mulheres, trazendo questões desde a realidade tradicional aos dias atuais, pois como já foi apresentado anteriormente, as mulheres sempre foram alvo de inferioridade, e estão em constantes lutas em busca de seus direitos. As entrevistadas do Bairro Alto Bonito, são mulheres que estão em constantes lutas todos os dias, pude perceber que elas são verdadeiras inspirações, para outras mulheres, pois desempenham um papel muito importante no meio social que estão inseridas. São mães solteiras, trabalhadoras, que por algum motivo de violências diversas não estão com seus companheiros. São mulheres que sofreram muito, foram criticadas, humilhadas, mas nunca desistiram de seus sonhos, optaram em lutar, e mostrar as trajetórias de mulheres lutadoras que luta por um futuro melhor.

A pesquisa me possibilitou ir além do que os olhos podiam ver, apesar de conhecer as entrevistadas, não conhecia suas realidades, seu passado, ou seja, não conhecia o outro lado da vida, para mim foi um choque ao saber que algumas já passaram por momentos trágicos, momentos muito difíceis, questões de violência doméstica, ameaças. Ao mesmo tempo, as atitudes, a coragem e determinação que tiveram, por terem enfrentado seus medos e vencido os obstáculos.

Realizar a pesquisa com essas mulheres, foi gratificante, me senti representada, pois elas possuem entusiasmo, possuem segurança, autoestima, e jamais baixam a cabeça, lutam porque acreditam na vitória, sempre resistiram cotidianamente para criarem seus filhos, garantindo o sustento da família. Entretanto, não é uma batalha fácil, mas também não é impossível, por isso que elas nunca desistem, vivem na medida do possível; a base para a luta se chama determinação, coragem, vontade de alcançar seus objetivos, e os filhos são verdadeiras inspirações para que uma mãe siga em frente, e encare a realidade de cabeça erguida. Pois a partir do momento que ela decide viver sozinha com os filhos, sabe o papel que vai desenvolver dentro da sociedade. Sabe que não vai ser fácil, mas ela acredita na vitória, por isso a importância de possuir o apoio da família, que lhes dão forças e segurança para defender aquilo que se acredita, isso ficou evidenciado nas falas dessas mulheres.

Após passarem por muitas dificuldades durante muitos anos, as mulheres foram ganhando conhecimento sobre seus direitos e, a partir de então passaram a ter uma visão crítica em relação aos fatos ocorridos dentro da sociedade, passaram a estudar e a entender que a mulher não é objeto, mas um ser pensante capaz de mudar a realidade.

Enfim, desenvolver esse trabalho foi uma experiência significativa. Aprendi muito com cada uma das entrevistadas e suas histórias de luta e, também percebi que as histórias possuem muito em comum. São histórias emocionantes, que trazem muitas reflexões para se pensar no dia a dia de cada uma dessas mulheres. Foi uma pesquisa onde pude estabelecer interlocuções com as mulheres e conhecer suas histórias de vidas e as representações sociais dos papéis que desempenham na sociedade, em especial no seu território, como lugar de vida, luta, sofrimento, mas, sobretudo de esperança pela busca da conquista da igualdade social. A pesquisa potencializa e visibiliza a luta e resistências cotidianas de mulheres em busca de seus direitos. Em especial, tem como objetivo apresentar o resultado da pesquisa às mulheres do Alto Bonito e, serve como documento na qual outras mulheres possam ter acesso e conhecer a história de cada uma das entrevistadas, portanto, levar conhecer as representações sociais das mulheres como inspiração para sua vida, para outras gerações.

REFERÊNCIAS

- ALBA, Martha. Mapa cognitivos: Uma ferramenta para a análise de representações socioespaciais. **Representações Sociais, estudos metodológicos em educação**, Curitiba, p. 109-149, 2011.
- ALMEIDA, Rejane Cleide Medeiros de; SOUZA Murilo de. **A nova cartografia social como instrumento de resistência**: reflexões sobre a história de vida dos camponeses e camponesas na Luta pela Terra – MST/Goiás, 2017.
- ARRUDA, Ângela Teoria das Representações Sociais e Teoria de Gênero, Cadernos de Pesquisa, n. 117, p. 127-147, novembro/ 2002 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15555.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2019.
- CASTORINA, José Antônio. A teoria das Representações Sociais e a Psicologia de Vigotsky: o significado de uma análise comparativa. **Representações Sociais, fronteiras interfaces e conceitos**. 2011.
- COSTA, Raquel Ribeiro da. **Identidades e Vivências**: As diversas relações que os moradores do Bairro Alto Bonito em Tocantinópolis-TO têm com suas casas. 2014.
- FERNANDES, Bernardo Mançano. **Entrando nos territórios do território**. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes/3artigodomes_2008.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- GAIOSO, Arydimar Vasconcelos. Aspectos da produção etnográfica na antropologia para as denominadas comunidades tradicionais. In: MARTINS, Cynthia Carvalho et al (Orgs.0. **Insurreição de saberes 3**: tradição quilombola em contexto de mobilização. Manaus: UEA, 2013.
- GALEAZZI, Maria Irene Sassi. **Mulheres trabalhadoras**: a chefia da família e os condicionantes de gênero. 2001. [https:// revistas. Fee. Tche.br](https://revistas.fee.tche.br). Acesso em: 20 mar. 2019.
- GUEDES, Brena Kécia; GOMES, Flâmela Kevylla. 2014. **Violência contra a mulher**. Disponível em: <<http://ww2.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol7-1-2014/artigo>>. Acesso em: 14 mai. 2019.
- MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. **Feminicídios**: conceitos, tipos e cenários. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-3077.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letrament: Justificando, 2017.

SOUSA, Carlos Antônio de Oliveira. **Tocantinópolis: 150 anos de urbanização**. Goiânia Kelps: 2008.

SOUSA, Clariza Prado de; NOVAIS, Adelina de Oliveira. Representações Sociais, fronteiras interfaces e conceitos. A compreensão de Subjetividade na Obra de Moscovici. In: **Representações sociais: estudos metodológicos em educação**. Coleção Formação do professor 3. Curitiba: Fundação Carlos Chagas, Editora Champagnat, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. v.25, n. 11, p.22 a 39, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

APÊNDICE A

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. Qual seu nome? Idade?
2. Você estuda ou estudou?
3. Você mora em casa Própria?
4. Você trabalha? Trabalha de quê? Quanto ganha?
5. Você é casada? Ou já foi casada? Quanto tempo?
6. Você já sofreu violência?
7. Se sofreu quais? E conhece a Lei Maria da Penha? Sabe onde denunciar?
8. Você tem filhos? Quantos?
9. Quanto tempo mora no bairro?
10. Quais suas principais dificuldades por morar sozinha com os filhos?
11. Como você vê os papéis que as mulheres desempenham no seu bairro?